

Crianças e adolescentes em conexão com a rua: pesquisas e políticas públicas

RIZZINI, Irene. **Crianças e adolescentes em conexão com a rua: pesquisas e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/FAPERJ, 2019. 131 p.

Por Miriam Krenzinger¹

Artigo recebido em setembro de 2019.

Artigo aceito em outubro de 2019.

Irene Rizzini, uma das pesquisadoras mais experientes na temática de crianças e adolescentes em situação de rua, com vários livros e artigos publicados, nos presenteia, mais uma vez, com uma publicação na qual nos convida para uma viagem no tempo, desde a década de 1980 até os dias atuais. Lamentavelmente, 2019 nos traz de volta questionamentos e incertezas que custaram décadas de mobilização e lutas, estudos e pesquisas acerca da questão dos direitos humanos, da cidadania, do direito à infância e à adolescência saudáveis, de direitos constitucionais à saúde, educação, segurança e outros, estendidos às populações em situação de rua no âmbito das conquistas sociais.

Neste novo livro - *Crianças e adolescentes em Conexão com a rua: pesquisas e políticas públicas* (2018), que se organiza em duas partes, cada qual com três capítulos, Rizzini apresenta elementos, definições, conceitos, terminologias, marcos normativos do ordenamento jurídico, fatos e dados que envolvem mais de uma centena de trabalhos acadêmicos e dezenas de artigos publicados de 2000 a 2018, sobre a população infantil e adolescente em situação de rua, ligando o passado ao presente. Não são poucos nem foram pequenos os desafios que,

até então, pareciam enfrentados, ainda que com dificuldades, mas que nos dias atuais se aniquilam, se anulam ou são interrompidos, levando o País a um retrocesso cujos prejuízos econômicos, sociais e humanos já são incalculáveis. Crianças e adolescentes em contextos de vulnerabilidade sempre foram alvos de práticas injustas e desumanas, quando não invisibilizados ou marginalizados em nossa sociedade. Nessa viagem proposta por Rizzini, percebemos a construção social e política dos termos/rótulos pelos quais jovens e crianças foram tratados no País: pivetes, trombadinhas, menores abandonados, meninos de rua, geração de rua e outros, até chegarem a adquirir alguma cidadania, ao serem reconhecidos como sujeitos de direitos e passarem a ser considerados “em situação de rua”.

Porém, neste novo cenário obscuro e sombrio, tendo em vista as ameaças de natureza diversa, as palavras e o engajamento intelectual e cidadão de Irene Rizzini ganham dimensões luminosas, reais, em que sua pesquisa sobre o fenômeno da vida nas ruas adquire sentido urgente, vivo e atual. Sua análise do fenômeno da segregação social, preconceitos e discriminação nos leva a identificar os aspectos que caracterizam as histórias de inúmeros adolescentes e crianças que vivem (ou sobrevivem) entre a casa, as ruas, as instituições de acolhimento (abrigos, casa de passagem, internação compulsória, institucionalização forçada, recolhimento), numa permanente violação de direitos.

A incapacidade de o País assegurar condições adequadas às famílias que vivem em condições de pobreza extrema, desigualdades sociais e econômicas profundas, e adversidades contínuas, faz com que crianças e adolescentes sejam vítimas de diversas formas de abuso, negligência, agressão; façam uso de drogas ou se envolvam com o tráfico; se prostituam; tenham seus vínculos familiares rompidos, enfraquecidos; permaneçam em condições precárias de vida; e construam novos espaços de relações sociais nem sempre adequados. Mas, quando o debate sobre a universalização dos direitos que as redes institucionais não foram capazes de enraizar, Rizzini nos chama a refletir

sobre os princípios que garantem às populações em situação de rua os mesmos direitos constitucionais que qualquer outro ser humano possa usufruir. Nesses tempos, em pleno século XXI, com o advento da internet e suas redes sociais repletas de fake news, novas dificuldades podem se tornar possibilidades de reafirmação dos valores que nos moveram até aqui e, mais do que nunca, ser um novo tempo de ter orgulho e consciência de nossa caminhada e nossas trajetórias.

Rizzini, nesse processo de construção histórica e simbólica, por isso potente, mapeou, registrou, deu clareza e profundidade ao curso dessa jornada que continua sendo de luta pelo direito à vida, à educação, à visibilidade e ao respeito, presentes na Constituição de 1988, na consolidação do ECA, no Decreto nº 7.053/2009 e em tantos outros instrumentos políticos e jurídicos que reafirmaram que as conquistas do nosso campo, das populações de crianças e jovens em situação de rua, não foram pequenas e serão novamente retomadas.

Essencial a leitura deste livro no momento em que o País mergulha em um período no qual o preconceito, o machismo, a misoginia, a homofobia e a intolerância procuram negar o direito de existência a negros, gays, mulheres, populações em situação de rua, pobres, analfabetos contrapondo-se ao direito à vida, à condição humana, às diferenças, à cidadania, às políticas restaurativas, preventivas e de extensão dos direitos humanos das chamadas “minorias” e às populações que vivem nas ruas.

O presente livro não poderia chegar em momento mais propício: escrito por alguém cuja experiência, compromisso ético e conhecimento profundo de causa, com uma vida acadêmica e política ao estudo profundo do mundo das ruas e suas complexidades, temos a oportunidade de problematizar esse universo de múltiplas realidades, não lineares, desprovido de relações causais previsíveis, que torna-se instrumento de resistência e força.

As diversas faces da “questão da rua” se apresentam dentro de uma dinâmica comum, desse elo que unifica os universos individu-

ais, com subjetividades infinitamente diferentes. Sob quase todas as ênfases específicas, seja pelo viés da violência, do trabalho infantil forçado, das situações de abuso sexual, da (des)vinculação familiar, do abandono da paternidade e maternidade, da fome, do fracasso escolar, os fatores se relacionam ao elemento comum da questão social no Brasil: as desigualdades.

Ao analisar cada uma dessas dinâmicas, Rizzini contribui para que não seja mais possível a redução de significações e a negação das complexidades que envolvem cada ser humano, cada criança e cada adolescente, no caminho que lhe fez encontrar, nas ruas, uma opção de construção subjetiva, ou de aceleração de sua destruição, ou de negação de sua humanidade.

E há, nesta publicação, outro mérito da autora: reconhecer que, além das garantias institucionais obtidas no passado, o avanço do processo de extensão dos direitos e a consolidação das redes de proteção à infância e aos jovens em situação de rua dependem da capacidade de participação dos sujeitos, ou seja, da conexão entre as redes de apoio e o ativismo cidadão com as populações, a sociedade e os movimentos organizados.

Essencial a leitura desse livro por pessoas interessadas no tema – estudantes, professores, pesquisadores e profissionais ligados ao trabalho cotidiano com este público: da saúde, da educação, da assistência social, da segurança pública, e outros. Que o conhecimento sistematizado nessa importante publicação possa, em um futuro não muito distante, ser agente de ruptura do estigma e do ciclo intergeracional das violências que oprimem crianças e jovens no Brasil e no mundo todo, pois esse livro é um ponto de luz para a retomada de nossa luta. E nada vai nos deter.

Nota

- 1 Professora Associada III do Programa de pós-graduação Serviço Social da UFRJ. Diretora da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro/Brasil. ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0001-6505-5035>; E-mail: miriamufrj@gmail.com; m.krenzinger@ess.ufrj.br